



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUÍS ANTÔNIO FERLA CASTEGNARO

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-453

Entrevistado: Luís Antônio Ferla Castegnaro

Nascimento: 24/06/1973

Local da entrevista: CEME – ESEF – UFRGS

Entrevistadoras: Christiane Garcia Macedo e Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 08/09/2014

Transcrição: Thales Collar

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 16 minutos e 24 segundos

Páginas Digitadas: 13

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início no esporte; Início como treinador; Apoio da família; Base do futebol feminino no Brasil; Competições; Campeonato brasileiro; Confederação Brasileira de Futebol; apoio para ir aos Jogos Olímpicos; Mídia e futebol; Participação nos Jogos Olímpicos; Repercussão da participação nos Jogos Olímpicos; Futebol feminino no Rio Grande do Sul; Considerações finais.

Porto Alegre, 08 de setembro de 2014. Entrevista com Luís Antônio Ferla Castegnaro a cargo das pesquisadoras Christiane Garcia Macedo e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Luis primeiro queria te agradecer muito por ter vindo aqui e dispor de tempo para essa entrevista. O Centro de Memória do Esporte agradece e nós queríamos que você contasse como foi sua inserção no esporte, quando você começou e como?

L.C. – Tudo bem! É um prazer estar aqui com vocês. Desde pequeno com uns 8 anos sempre fui goleiro das equipes do colégio. Em todo o primeiro e segundo grau escolar sempre fui desportista no colégio. No futebol de campo, comecei como atleta na minha cidade natal que é São Gabriel¹, onde fui goleiro em 1989 e 1990 na categoria Junior, na época o clube se chamava S.E.R São Gabriel². Depois em 1998 fui estudar em Porto Alegre, procurar estudo na área do esporte, estudar Educação Física. Minha irmã Laurita Castegnaro, trabalhava no futebol feminino do Grêmio³ como estagiária de fisioterapia. Naquele ano, 1998, o Grêmio resolveu montar pela primeira vez um departamento profissional de futebol feminino no clube, onde teriam todas as funções desde treinador de goleiras, fisioterapeutas e tal. Estavam precisando de um treinador para as goleiras e minha irmã disse a eles “meu irmão foi goleiro e está aí estudando na cidade e de repente, quem sabe, vocês não conversam com ele?”. Daí me chamaram para conversar. Lembro que na época o presidente era o Cacalo⁴, e o clube estava em contenção total de custos. Então o Fabiano Schmitt - Diretor do Departamento de Futebol Feminino - falou assim: “Luis, posso te oferecer a oportunidade de trabalhar aqui mas não posso te dar um centavo”. Ai pensei assim: “Tenho vontade e sei do meu potencial”. Eu disse “Vou vestir a camisa de vocês e vamos fazer esse trabalho”. Então assim eu trabalhei basicamente um ano e meio de graça no Grêmio, para desenvolver esse trabalho, daí depois que mudou e entrou o presidente Guerreiro,⁵ mudaram as coisas, melhorou um pouco. Começaram a contratar funcionários novos, então mais ou menos um ano e meio depois que cheguei, me

¹ Cidade do Rio Grande do Sul.

² Sociedade Esportiva Recreativa São Gabriel.

³ Grêmio Foot Ball Porto Alegrense.

⁴ Luiz Carlos Pereira Silveira Martins

⁵ José Alberto Guerreiro.

contrataram como funcionário do clube. Trabalhei como treinador de goleiras do Gêmio em 1998, 1999, 2000, 20001 e 2002. Foram cinco anos no Grêmio. Devo isso muito a minha irmã Laurita Castegnaro, se não fosse a indicação dela pro Grêmio, talvez nada do que eu vivi como treinador de goleiras no clube e na seleção tivesse acontecido. A mana hoje é uma grande fisioterapeuta especializada no esporte e no tratamento da fibromialgia.

C.M. – E você já tinha parado de jogar?

L.C. – Sim! No caso eu joguei em 1989 e 1990 e depois parei porque veio o Exército onde fiquei quatro anos e meio. Fui muito revoltado para o quartel, porque eu adorava jogar e estava muito focado nisso. No quartel tinha a seleção militar que disputava as olimpíadas⁶ militares, os caras me queriam como goleiro e eu dizia: “Não quero saber de futebol!” Então eu cheguei em 1998 no Grêmio onde eu tive a oportunidade de fazer o trabalho de graça para o clube. Porque eu pensei: “Vou mostrar meu trabalho, vou plantar primeiro”. Muito bem, em 2001 eu estava participando do Campeonato Brasileiro Juvenil Feminino em Ubá, Minas Gerais, e aí meu chefe, o coronel Feijó⁷, que até faleceu esse ano, uma pessoa muito querida no clube, um dos conselheiros mais antigos do Grêmio na época, me falou assim: “Luis, quero falar contigo. O pessoal da CBF⁸ viu teu trabalho de aquecimento com as gurias e vieram me perguntar a teu respeito, porque eles acabaram de voltar da Olimpíada de Sidney, que foi em 2000, e querem mudar toda a comissão técnica inclusive o treinador das goleiras”. Eu tinha muita moral com o coronel no clube, porque eu fazia um trabalho de vestir a camisa e não era pelo dinheiro que eu estava ali, então, eu fui convidado pela CBF para ser o treinador das goleiras. A principio da categoria sub-19, que começou em 2001. Iniciei na preparação dessa equipe sub-19 que iria disputar o primeiro Campeonato Mundial sub-19 no Canadá em 2002, justamente quando também foram convocadas pela primeira vez a Marta⁹ e a Cristiane¹⁰. Então eu cheguei em 2001 na seleção, e ai foram oito anos até o final da Olimpíada de Pequim¹¹ em 2008. Trabalhei com as goleiras das seleções sub-19, sub-20 e categoria principal, tanto que consegui participar

⁶ Jogos Olímpicos.

⁷ Coronel Ney Santana Feijó.

⁸ Confederação Brasileira de Futebol.

⁹ Marta Vieira da Silva.

¹⁰ Cristiane Rozeira de Souza Silva.

¹¹ Jogos Olímpicos de Pequim.

de cinco mundiais, dois foram pela seleção principal. Tem ali no DVD¹² que eu te dei, tem ali atrás o histórico, pode ir por ali para ver todas as competições que participei com a seleção. Eu tive a oportunidade de participar de todas as categorias da seleção brasileira de futebol feminino. O treinador Jorge Barcellos que estava em Pequim com a gente, foi convidado para trabalhar na Liga Feminina Americana Profissional nos Estados Unidos em 2009 e me convidou para ir com ele. Abrimos mão da CBF e fomos trabalhar na Liga Feminina Americana. A Olimpíada é a maior festa de confraternização dos povos no esporte, é incrível que você pega o planeta terra e coloca dentro de uma Vila Olímpica, então, você está caminhando ou comendo, pegando um ônibus e tem japonês, chinês, alemão, sabe? Todo mundo ali dentro com um pensamento de vencer, de competir, mas ao mesmo tempo existe um espírito muito legal de *fair play* na grande maioria das vezes. A Olimpíada é um momento único, fantástico e eu ter esse privilégio de poder viver pelo menos uma, foi a grande realização de um sonho. Foi muito especial, tem coisas que ficam, por exemplo, o ambiente olímpico, que na verdade eu já tinha vivenciado algo parecido em dois Pan-Americanos¹³ anteriores, que foram o primeiro em 2003 em Santo Domingo e o segundo no Rio em 2007. Claro que a Olimpíada é uma coisa bem mais monstruosa, por exemplo, você entra dentro de um refeitório olímpico e ele fica 24h aberto, você tem comida de tudo quando é tipo ali dentro, você pode comer a qualquer hora, quer comer Mc Donald's, tem Mc Donald's, quer comida chinesa tem comida chinesa, tem cardápio europeu, enfim, uma experiência bem diferente em todos os sentidos. Eu vivi intensamente o que foi possível, pena que é uma competição relativamente rápida. Você vive aquele mês intenso, na verdade na Olimpíada de Pequim nós ficamos até pouco tempo dentro da Vila Olímpica, porque o futebol é engraçado, uma coisa que eu não entendo, assim como no Pan-Americano, o futebol começa antes da abertura do evento. No futebol nós começamos viajando para outras cidades e tivemos na Vila Olímpica se eu não me engano, antes das quartas de finais, fizemos um jogo em Pequim e fomos pra Shangai fazer a semi-final, não estou lembrando bem, mas acho que é isso. Não tivemos muito tempo para curtir o ambiente da Vila Olímpica. Mas é realmente fantástico, uma experiência única, é um sonho de infância de todo mundo que gosta de esporte. Vocês no colégio, talvez de pequeninhas brincavam de jogar o vôlei, handebol, futebol e pensavam: “Um dia quero

¹² Referência ao DVD que doou ao Centro de Memória do Esporte intitulado “Trabalho realizado com as goleiras da seleção brasileira de futebol feminino”.

¹³ Jogos Pan-Americanos.

disputar uma Olimpíada, um sonho de representar o país”. Então, realmente a Olimpíada foi um sonho de infância que eu consegui realizar.

C.M. – Luis, voltando um pouco para esse início de carreira, teve alguém na sua família, ou amigos, professores que te influenciou a trabalhar com o esporte?

L.C. – Olha meu pai, seu Antônio Castegnaro, sempre me incentivou muito em tudo. Me deu o primeiro livro sobre goleiros quando eu era goleiro do Junior em São Gabriel, que era o livro do Sepp Maier, goleiro da seleção alemã, que era o *top* na época. Quando ele me deu esse livro, me deu uma certa motivação a mais para me dedicar na área de goleiro, esse livro me motivou muito. Não cheguei a me formar em Educação Física, eu cursei a metade da faculdade na UNISINOS¹⁴ e aí veio o convite da CBF e eu escolhi ficar com a seleção que viajava direto e não tinha como frequentar a faculdade. O professor Alexandre¹⁵, da UNISINOS, que tu comentaste do doping, me disse: “Não Luis, aqui a legislação te protege te beneficia, depois tu faz uma prova separado, coisa e tal”. Como sempre fui um cara muito perfeccionista, não queria só passar pela faculdade, ganhar nota e presença, queria curtir a faculdade, queria estudar, aprender profundamente as coisas e até hoje não concluí a faculdade. Mas então meu pai foi quem me deu a primeira motivação para trabalhar com goleiros, sempre me apoiou em tudo. Daí me perguntam: “Como tu chegou na CBF, o futebol é muita política, precisa de um empresário, ou de alguém que te conheça”. Cheguei lá única e exclusivamente pela minha capacidade profissional, alguém viu o meu trabalho, gostou e me chamou e isso é uma coisa que eu tenho muito orgulho em dizer. E outra coisa, é difícil para caramba continuar lá, as pessoas brincavam: “Luis é da seleção”. E eu dizia: “Eu não sou, eu estou convocado”. Se não gostarem do meu trabalho, pode ser que na outra convocação não me chamem mais e chamem outro treinador de goleiro. Então, cheguei na CBF em 2001 e permaneci por oito anos. Mas é isso, meu pai foi uma pessoa que eu posso dizer que me influenciou quando me deu o livro do Sepp Maier, goleiro alemão da década de 1970 e 1980 e isso me motivou. Seu Antônio Castegnaro me motivou a ir para o esporte!

C.M. – E quando você começou como atleta como era a situação de base do Brasil?

¹⁴ Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

L.C. – No interior era muito precária, eu não tinha um treinador de goleiro. Na época nós acabávamos fazendo um trabalho entre nós mesmos ali, e quando tinha o treino do profissional, nós subíamos para fazer o trabalho junto com os goleiros do time profissional. Era um time bem pobre, agora está melhor, mas tinha muito menos recursos na época, Lembro que no primeiro ano nós disputamos o Campeonato Gaúcho de futebol Junior e classificamos para a segunda fase, então, o presidente decidiu não ir adiante porque não tinha dinheiro para o ônibus e nós abrimos mão da nossa vaga por falta de dinheiro. As pessoas sempre me perguntam: “Mas como tu começou no futebol? Como tu veio treinar goleiro?” Eu sempre digo: “Bom, o início de tudo foi o São Gabriel, na época S.E.R. São Gabriel”, atualmente Esporte Clube São Gabriel”. Aquilo foi a primeira experiência e estopim para que eu criasse paixão pela posição. Meu início foi bem assim, em um clube de interior bem pobre onde eu não tinha nem o treinador de goleiro.

C.M. – E como estava a situação do futebol feminino, quando tu começou a trabalhar com o futebol?

L.C. – 1998, 1999 e 2000 foram os três melhores anos do futebol feminino que vivenciei no estado do Rio Grande do Sul. Nós disputamos em 1998 o Campeonato Gaúcho e também nesse ano teve Campeonato Brasileiro que foi em Goiânia. No Grêmio o meu diretor, Coronel Feijó, não estava ali para ganhar dinheiro, ele tinha o salário dele de coronel aposentado do Exército e abraçou a causa para fazer o trabalho. Claro, como eu te falei eu não recebia o salário, mas daí não era culpa dele, na época a ordem do presidente Cacalo era demitir funcionários, não podia contratar, era para enxugar o quadro do clube. O Grêmio estava passando por uma época difícil, mas foram os melhores anos que vivenciei o futebol feminino gaúcho, 1998, 1999 e 2000. Em 2000 nós fomos pela primeira vez campeões gaúchos com o James Freitas¹⁶, um grande treinador que hoje está treinando o sub-20 masculino do Grêmio e que naquele ano eu consegui trazer para o clube. O futebol feminino do Grêmio revelou grandes profissionais: o treinador James Freitas que atualmente está lá no Grêmio, o Rafael Vieira, um profissional que está no Flamengo¹⁷, na

¹⁶ James Francisco Freitas.

¹⁷ Clube de Regatas Flamengo.

área de análise de desempenho, o gestor Willian Thomaz, o treinador e coordenador Gustavo Fragoso, o preparador físico Michel Huff...

C.M. – Nós entrevistamos o Rafael.

L.C. – O Rafael Vieira, inclusive fez a faculdade na ESEF¹⁸, é um amigo pessoal que hoje está no Flamengo. Tem o Willian Thomaz que se formou no IPA¹⁹ em Educação Física, hoje é gestor lá no Clube Atlético Paranaense. O Gustavo Fragoso se formou aqui na ESEF também esta de coordenador no Atlético Paranaense. O Michel Huff preparador físico que estava na Ucrânia, é o único brasileiro que a gente sabe que trabalhou no leste europeu com futebol profissional. Todo esse povo trabalhou no futebol feminino do Grêmio, o coronel juntou uma gurizada boa, todo mundo se deu bem no esporte e foi para o alto nível. Chegar no alto nível é difícil, e no futebol é bem mais complicado, porque não basta tu ser bom no que faz, depende de uma série de outras coisas, tem muita política. Então é isso, a gente tem um sonho de chegar no topo e não deve jamais desistir. Tem que sonhar e acreditar que é possível chegar.

C.M. – Tu comentou que disputou o Campeonato Brasileiro em 1998?

L.C. – Em 1998 foi o primeiro Campeonato Brasileiro que eu participei, foi em Goiânia, isso!

C.M. – Mas na época ele não tinha o apoio da CBF, tu lembra mais ou menos quem promovia esse Campeonato e como ele funcionava?

L.C. – Olha, não tenho certeza mas acho que em 1998 já era a CBF que estava organizando o Campeonato Brasileiro Feminino. Pena que foi rápido, você reúne algumas equipes em um local, realiza todos os jogos em um mês e fim de papo. Depois, o segundo Campeonato Brasileiro que eu participei, se não me engano, foi em 2000 em Uberlândia MG, aí em 2001 teve o brasileiro juvenil na cidade de Ubá também em MG, onde a CBF me descobriu vamos dizer assim.

¹⁸ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁹ Instituto Porto Alegre

C.M. – Porque ele acabou, e voltou o ano passado, não sei se tu lembras em que época cortou o Campeonato?

L.C. – Porque o futebol é um negócio que envolve dinheiro e no Brasil as pessoas não sabem ganhar dinheiro com o futebol feminino. A CBF não tem interesse, faz por obrigação. Nos EUA o futebol feminino movimenta milhões de dólares. Aqui a CBF só faz futebol feminino para justificar a FIFA²⁰ o dinheiro que ela envia para que se desenvolva a modalidade no país.

C.M. – Luis, você comentou um pouco sobre estar fora do eixo Rio-São Paulo. Isto trouxe alguma dificuldade, por ser daqui, tanto para atleta quanto para ser treinador?

L.C. – Tipo se eu senti algum preconceito?

C.M. – Sim.

L.C. – Eu dei sorte porque eles me convidaram em 2001 quando montaram uma nova comissão técnica de fora do eixo Rio-São Paulo. Então quando eu cheguei o treinador também era de fora, o Paulo Gonçalves lá de Goiânia, nós éramos de fora, eu, ele e o auxiliar técnico Juscelino²¹. Eles de Goiânia, e eu do Rio Grande do Sul, o preparador físico era carioca e trabalhava no Vasco²², o Renato Vinhas²³. A seleção brasileira feminina nos anos 1990, basicamente era formada do eixo Rio-SP. Quando entrei, também fiquei responsável para ficar de olho nas boas jogadoras do Sul do país. Felizmente pude indicar e levar para as seleções, muitas boas jogadoras aqui do estado, principalmente do Grêmio, Inter²⁴ e do Pelotas²⁵. Quando trabalhava no Grêmio, cansei de ouvir quando incentivava as meninas, que elas nunca teriam uma chance de serem vistas e convocadas para a seleção brasileira. Porque segundo elas, a seleção era formada pela panela Rio-SP. Além de me realizar tendo a oportunidade de treinar as goleiras da seleção, uma coisa que

²⁰ Fédération Internationale de Football Association.

²¹ Nome sujeito a confirmação.

²² Club de regatas Vasco da Gama.

²³ Nome sujeito a confirmação.

²⁴ Sport Clube Internacional.

me deixou muito feliz, foi o fato de que eu pude ajudar a realizar o sonho de muita menina boa jogadora aqui do sul, de chegar na seleção brasileira. Ter ajudado essa mulherada toda, também foi uma grande realização pessoal minha.

C.M. – Luis, poderia contar para gente como foi a não convocação em 2004 e como foi a convocação em 2008?

L.C. –Ter ficado de fora da Olimpíada em 2004 foi muito difícil porque eu estava com muita expectativa de ir a minha primeira Olimpíada. Depois de já ter participado de Sul-Americano, Pan-americano e Mundial, só me faltava disputar a Olimpíada que era o meu maior sonho. Com a demissão do treinador Paulo Gonçalves em 2003, foi contratado o René Simões que trouxe toda a comissão técnica dele, inclusive seu preparador de goleiros. No futebol geralmente quando cai o treinador, cai todo mundo da sua comissão. Foi uma grande decepção pra mim. Graças a Deus, ao Paulo Dutra nosso supervisor na CBF e ao treinador Jorge Barcellos, em 2008 pude realizar meu grande sonho de disputar uma Olimpíada. Foi incrível, chegamos na final da Olimpíada da China contra os EUA onde na minha humilde opinião jogamos melhor, mas as americanas foram mais eficientes. Tivemos várias oportunidades de fazer o gol e não fizemos, elas tiveram uma oportunidade de contra ataque no segundo tempo da prorrogação e fizeram o gol do ouro Olímpico. No futebol nem sempre ganha o melhor, mas sempre ganha o mais eficiente! Numa final sempre chegam duas grandes equipes e o que decide normalmente é um detalhe, portanto não dá para errar. Apesar da choradeira depois do jogo, onde até os jornalistas da rede global a Glenda Kozlowski e o Pedro Bial que estavam lá se emocionaram afirmando que a nossa derrota tinha sido a maior injustiça daquela Olimpíada. Aquela prata pra mim valeu como ouro. Dominar a poderosa seleção americana numa final Olímpica, onde todo mundo estava vendo a nossa superioridade em campo perante as nossas maiores rivais, teve sim um sabor especial, pena que foi prateado né!

C.M. – Teve apoio para ir para Olimpíada?

L.C. – Apoio da CBF no caso?

²⁵ Esporte Clube Pelotas.

C.M. – Apoio financeiro para preparação, preparação para os jogos?

L.C. – A CBF nos oferece a Granja Comary com toda sua logística igual a da seleção masculina, mas deixou muito a desejar no que diz respeito a jogos treinos contra as grandes seleções. Por exemplo: A seleção feminina americana faz muitos jogos contra outras grandes seleções entre uma Olimpíada e outra. Muitos mesmo, mais de sessenta. Quando você se acostuma a enfrentar grandes seleções mesmo perdendo em jogos amistosos, você acaba conhecendo melhor o seu adversário e corrigindo os seus erros que vieram com as derrotas. Isso faz toda a diferença na preparação para uma grande competição como é a Olimpíada. Fizemos uma pré-temporada de um mês na Suécia onde enfrentamos a seleção da Suécia, o time em que a Marta jogava lá e a seleção da Finlândia. Isso é muito pouco. Deveríamos ter feito no último ano, muitos jogos contra as principais seleções do mundo. Principalmente contra os EUA e a Alemanha. Por isso que eu te falo que nossa prata valeu como ouro.

C.M. – E você disse que nas Olimpíadas, durante os jogos, vocês ficaram pouco na Vila Olímpica, porque o futebol roda, mas quando vocês saíam da Vila Olímpica tinha esse apoio e hospedagem?

L.C. – Aí sim, o padrão, a logística que se oferece para a seleção feminina, é igual ao da seleção masculina. O futebol é um esporte diferente nas Olimpíadas, porque além de iniciar antes da abertura dos jogos por causa do seu longo calendário, não ficamos hospedados o tempo todo dentro da Vila Olímpica como a maioria das outras modalidades. Nos primeiros dois jogos, ficamos fora de Pequim hospedados em hotéis junto com a seleção de futebol masculina.

C.M. – Tem mais alguma coisa sobre a participação dos Jogos Olímpicos que tu queira registrar, tem alguma experiência que foi negativa, ou algo que chamou muito tua atenção?

L.C. – A Olimpíada é fantástica em todos sentidos, é uma experiência única! É a maior festa de confraternização dos povos no esporte. Na Vila Olímpica, todo mundo quer trocar alguma coisa com esportistas de outros países, uma camisa, boné, mochila, qualquer objeto

que sirva de lembrança desse momento tão especial. Incrível como espírito olímpico toma conta de ti durante uma Olimpíada.

Na Vila Olímpica você tem um refeitório com comidas do mundo todo aberto 24 horas a sua disposição, tudo gratuito, do bom e do melhor. Tem academia, danceteria, salão de beleza, lojas, shows...etc Tudo para ajudar a diminuir a tensão das competições. Claro é tudo muito lindo mas não se pode esquecer o porque que se está ali e também não se pode perder o foco do objetivo principal que é a medalha. Já vivi todas as principais competições que uma seleção de futebol pode disputar, Sul-Americano, Pan-Americano e Mundial, mas se pudesse gostaria muito de um dia poder viver novamente uma outra olimpíada. É viciante, fantástica e única.

C.M. – Só uma curiosidade, em relação à mídia, eles assediam muito a seleção feminina nos jogos?

L.C. – Especificamente nos Jogos Olímpicos?

C.M. – Não, pode ser geral.

L.C. – Quando se disputa as principais competições, como a Copa do Mundo que eu participei de cinco e a Olimpíada, então é normal que a imprensa esteja interessada principalmente pelo fato de ser o futebol brasileiro. Quando você chega na semi-final e ficam só os quatro melhores aí a mídia cai em cima direto. O Brasil, mesmo que seja futebol feminino tem sempre o interesse da imprensa. Depois que a Marta surgiu, ela se tornou o principal alvo da imprensa mundial. Então quando você ia para uma competição com a Marta, sempre tinha repórter na volta, na porta do hotel, nos treinos e nos jogos. Aquela menina magrela que havia sido convocada pela primeira vez junto comigo em março de 2001, se tornou um fenômeno! Jamais vou esquecer que durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2007 que também foi disputada na China, a Marta encantou os chineses e em muitos jogos se ouvia da torcida chinesa um coro ensurdecedor Mata, Mata, Mata... Depois do jogo histórico da semi-final daquele Mundial onde nós goleamos a seleção americana por quatro a zero e a Marta destruiu os EUA com sua magia, a imprensa mundial se encantou com ela e estava sempre cobrindo a seleção feminina.

C.M. – E qual a repercussão da participação dos Jogos Olímpicos na sua carreira?

L.C. – Quando se representa o seu país numa Olimpíada e se volta com uma medalha de prata, que poderia ser ouro pelo que foi o jogo da final, onde milhares de pessoas assistiram o seu trabalho, é natural surgir bons convites. No meu caso, a convite do treinador Jorge Barcellos, em 2009 fomos trabalhar no Saint Louis Athletica, clube americano que fazia parte da WPS (Women's Professional Soccer), principal liga de futebol feminino do planeta.

C.M. – Você vê alguma mudança no futebol feminino aqui no Rio Grande do Sul depois que tu vai para as Olimpíadas, na visibilidade do esporte?

L.C. – Infelizmente a mídia fala de futebol feminino durante os jogos olímpicos e depois não tem mais interesse até que se comece outra competição importante. Gauchão feminino se tu quiser notícias, só se tu for procurar em sites ou redes sociais específicos de quem está envolvido com o futebol feminino aqui no Rio Grande do Sul. O futebol feminino aqui no RS, só existe graças a algumas poucas pessoas apaixonadas pela modalidade. Posso te citar, por exemplo, o treinador Marcos Planela²⁶ lá de Pelotas, que faz um trabalho fantástico com as Lobas²⁷. Esse cara é um guerreiro persistente que mesmo quase sem nenhum apoio financeiro, mantém esse belo trabalho há mais de quinze anos. A treinadora Tatiele²⁸, que também faz um belo trabalho com o futebol feminino aqui em Porto Alegre. Estava treinando a equipe do Grêmio, mas me parece que novamente o clube encerrou suas atividades. O grande problema é que o futebol feminino aqui no Brasil só traz prejuízo financeiro aos clubes. Aqui não sabem, por exemplo, explorar o marketing da modalidade que lá nos EUA movimentam milhões todos os anos. Vai lá na Federação Gaúcha de Futebol e pergunta se eles tem interesse em fazer o Gauchão de futebol feminino. Claro que não, não é rentável! A FIFA manda dinheiro para a CBF desenvolver o futebol feminino no país. A CBF precisa prestar conta desse dinheiro e, portanto, fica obrigada a realizar alguma competição nacional mesmo que tenha duração de um ou dois meses. Ainda não descobriram como ganhar dinheiro com o futebol feminino no Brasil. O dia que

²⁶ Marcos Planela Barbosa.

²⁷ Equipe feminina do Esporte Clube Pelotas.

²⁸ Tatiele dos Santos Silveira.

descobrirem, pode ser que se desenvolva a modalidade. No Brasil o melhor lugar para se praticar futebol feminino é em São Paulo, é lá que alguma coisa acontece todos os anos.

C.M. – Então Luis era isso.

L.C. – Batemos um papo da maneira mais franca possível. Vocês tem meu email ali no cartãozinho, tem meu contato no Face²⁹. Eu tenho as credenciais das competições que eu participei, eu posso scanear e mandar para vocês, por PDF. Posso scanear e mandar todas as credenciais que eu participei via Face ou via e-mail. Vir a Porto Alegre, talvez em novembro ou final de outubro eu venha de novo, talvez eu possa até mandar para vocês via correio, uma camiseta das meninas. Então eu posso mandar alguma coisa, eu chego com calma em casa e dou uma vasculhada nessas coisas e vejo. Faço com o maior prazer em colaborar com vocês, até porque acho o trabalho de vocês muito legal. Já dei várias entrevistas em TV e rádio mas quase sempre foram fora do Rio Grande do Sul, aqui foram poucas vezes, basicamente em São Gabriel, minha terra, aqui a mídia não tem muito interesse no futebol feminino. Eu até brincava com uma mulher que é do tiro, ela é de Bento Gonçalves ou de Caxias do Sul, eu não lembro bem e digo: “Nossa, eu nunca imaginei que nós teríamos uma gaúcha no tiro” porque a imprensa também não divulga muito o tiro, acho que conversei com ela no Pan-Americano de Santo Domingo em 2003.

C.M. – A gente tem um no tiro com arco, que é o Gustavo Trainini, mas é no tiro com arco.

L.C. – No caso o professor Alexandre³⁰ do doping, acho que ele já tem umas três ou quatro Olimpíadas, até mais, ele foi em várias.

C.M. – Ele foi em Barcelona, umas quatro ou cinco.

L.C. – Legal que ele não é um atleta e não é um treinador, mas está em uma função que faz parte do evento e é um gaúcho que está ali.

²⁹ Rede social

³⁰ Alexandre Veli Nunes.

C.M. – Luis, muitíssimo obrigado pelo acolhimento, foi super rico para gente.

L.C. – Imagina gurias, eu fico feliz de estar aqui com vocês que realizam esse brilhante trabalho para a memória do esporte olímpico gaúcho.

[FINAL DA ENTREVISTA]